

HISTÓRIA ORAL: RECEITAS CULINÁRIAS DA VOVÓ

Aline Spies Borscheid¹

Jaqueline Kessler²

Douglas Orestes Franzen³

RESUMO: O presente artigo se refere a aprendizagem e compreensão da história oral, a qual refere-se à realização de entrevistas previamente elaboradas e estruturadas, realizadas para haver compreensão e significação das memórias familiares e sociais, a metodologia utilizada para elaboração do projeto é a história oral. Com principal intuito de compreender o passado, para que gerações futuras possam compreender o porquê de seu presente. Sendo ainda papel fundamental da escola desenvolver educandos pesquisadores, que se interessem pelo processo de desenvolvimento cultural da sociedade a qual pertencem, propiciando ainda a formação de indivíduos conscientes e responsáveis por suas atitudes. Sentir-se parte do espaço e tempo no qual estão inseridos como seres socialmente ativos e críticos.

Palavras-chave: Historia oral; Receita culinária; Metodologias; Memórias

ABSTRACT: The present article refers to the learning and comprehension of oral history, which refers to the accomplishment of interviews previously elaborated and structured, carried out to have understanding and significance of the family and social memories, the methodology used to elaborate the project is oral history. With the main intention of understanding the past, so that future generations can understand the reason of their present. It is also a fundamental role of the school to develop research students who are interested in the cultural development process of the society to which they belong, and also to promote the formation of individuals who are conscious and responsible for their attitudes. Feeling part of the space and time in which they are inserted as socially active and critical beings.

Keywords: Oral history; Cooking recipe; Methodologies; Memoirs

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a importância de compreendermos que o ser humano é um ser histórico, e que devemos permitir o compartilhamento das histórias que cada um traz consigo, contribuindo desta forma para uma aprendizagem prazerosa e conseqüentemente significativa. Por meio da história oral podem ser abordados conteúdos diversos possibilitando ainda a interdisciplinaridade com conteúdos mais distantes. Fundamental ainda

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UCEFF. spieslinege@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da UCEFF. jake_kessler@hotmail.com

³ Doutor em História. Docente do Centro Universitário Uceff. douglas@uceff.edu.br

para a compreensão da história local a qual pertencem, compartilhando experiências e vivências de diferentes indivíduos, de ações passadas que contribuíram para o desenvolvimento das atitudes do nosso presente. Compreender nossa história local, permite que nos encontremos no espaço tempo no qual pertencemos.

A pesquisa permite desenvolver indivíduos autônomos de suas aprendizagens, seres críticos que tem sede do saber, que têm opinião e que vêem o professor em sala de aula como um mediador, que pode instigar a busca por novos saberes, que desenvolve ainda seres com mais saberes de sua existência do seu “eu” o que os desenvolve integralmente como seres tanto intrinsecamente como socialmente, parte integrante que não somente vê e sim interage inteiramente.

DESENVOLVIMENTO - HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE ENSINO, MEMÓRIA, IDENTIDADE

Cada um de nós carrega uma história, e explorar isso em sala de aula não é função somente da disciplina de história, em todos os momentos de aprendizagens podemos oportunizar que os educandos exponham suas opiniões e muitas vezes as falas deles são carregadas de historicidade, assim também podemos proporcionar um ensino ~~de história~~ prazerosa dentro de sala de aula e desmistificar estes conteúdos que muitas vezes são vistos como algo complicado de aprender.

De acordo com Ribeiro (2008, p. 3) “a história oral pode estar presente nos estudos de geografia, português, arte, etc. isto por que ela pode ser constituição de narrativa sobre um conhecimento” ou seja, ela pode ser usada por outras disciplinas, considerada interdisciplinar (RIBEIRO, 2008). Desta forma a história pode ser utilizada em todos os momentos em sala de aula, pois quando compartilhamos de alguma informação sobre nossa história, ou algo que aconteceu a nós, estamos ~~transmitindo~~ um conhecimento, estaremos produzindo história.

Podemos trabalhar a história local com os alunos, desde a educação infantil, se usarmos uma metodologia diversificada e lúdica, que permita os alunos produzirem história sendo ainda capazes de compreender depois, que fazem parte de um tempo e espaço histórico. Quando temos projetos que valorizam a participação da família estaremos possibilitando este processo, um exemplo claro sobre isso é um projeto realizado por uma escola que trabalha os brinquedos atuais dos alunos, comparando os brinquedos que seus pais tinham na infância, também compartilham na escola um brinquedo feito pelo aluno com a ajuda dos pais. Uma metodologia para medirmos e entendermos a história local é a oralidade.

Utilizar as técnicas de história oral no ensino de história possibilita aos alunos desenvolverem habilidades linguísticas tanto faladas como escritas, tendo em vista que estes participam ativamente do processo de redação das perguntas a serem feitas, assim como da realização da entrevista em si. (NÓBREGA et al, p.5, 2009)

“Além disso, utilizar a metodologia da história oral na educação permite captar elementos que estão além das evidências documentais tradicionais e ainda agregar à história um pensamento crítico e questionador por parte do corpo discente” (NÓBREGA et al, 2009, p 2). Ou seja, a história oral permite ter um contato humano com o entrevistado, com a fonte que queremos investigar, em documentos e outras formas de registro não conseguimos ter esta sensibilidade de conhecer através do amor, dor ou sofrimento sobre a história de alguma família, comunidade ou região. Quando conseguimos nos sensibilizar e compreender sobre o que está sendo investigado oralmente, é quando tudo tem um real significado para nós.

Já nos anos iniciais, a história oral permite que o aluno construa o conhecimento junto ao professor pois é ativo no processo de pesquisa, na busca de relatos, fontes de pesquisa, ou seja, é uma forma de compreender a história da sua família, do local onde vive, da sua comunidade, cidade. Nos anos iniciais, deve-se trabalhar a história local/regional de forma oral com uma finalidade e objetivos. Inicia-se com um projeto bem elaborado sempre levando em consideração o interesse dos alunos sobre algum conteúdo. A história oral também leva em conta a história pessoal dos educandos, pois os temas podem relacionar-se com suas vidas (RIBEIRO, 2008).

Quando o professor inicia um projeto sobre história de um lugar com a metodologia da história oral, é necessário que se tenha um trabalho inicial com os alunos. “Cabe, ainda, ao professor alertar os alunos que as pessoas podem ter dificuldades de falar sobre alguns assuntos, gaguejar e até mesmo se emocionarem, pois estarão falando de coisas muito importantes para elas” (RIBEIRO, 2008, p. 6). Desta forma, os projetos devem ser muito bem mediados pelos professores por que também é importante dialogar sobre estes aspectos das pessoas, sobre as emoções que possuem e o sentimento sobre algum lugar ou sobre os fatos da vida pessoal de cada um, que será entrevistado.

De acordo com Ribeiro (2008) no momento da pesquisa, dá prática do projeto, o professor é apenas um mediador nesse processo, não interferindo na escolha dos entrevistados ~~dos alunos~~ e deixar com que os mesmos sejam autônomos na busca de respostas as indagações feitas. “Desde o primeiro contato é importante colocar estudantes e entrevistados

frente a frente, possibilitando a constituição de uma relação entre entrevistador e entrevistado”. (RIBEIRO, 2008, p. 7)

“É importante que o professor contextualize a história da comunidade em que será aplicado o projeto, porque o estudante precisa ter conhecimento acerca daquilo que vai procurar compreender, caso contrário, será uma pesquisa no vazio e os resultados não serão satisfatórios” (FRANZEN, 2017, p.4). A organização do roteiro da entrevista também é necessária, pois o aluno precisa estar preparado para a entrevista.

De acordo com Ribeiro (2008 p. 7) a organização de um roteiro é importante:

O segundo passo é a organização de um roteiro de perguntas que possibilitem a fala do entrevistado – assim estão descartadas as questões que podem ser respondidas com um simples sim ou não. Cada aluno pode ser chamado a formular quatro ou cinco questões. Esse roteiro poderá ser elaborado em sala, ou ser pedido como um exercício a ser feito em casa, para depois ser sistematizado em sala. Seguindo essa segundo proposta, dá-se mais tempo de reflexão para o aluno e garante-se que mesmo os mais tímidos possam contribuir com questões pertinentes.

Podemos perceber que é importante fazer essa preparação, pois o aluno começa a refletir sobre os objetivos que terá com essa entrevista, e faz com que analise se conseguirá responde-las. Interligando ao roteiro de entrevista Ribeiro (2008, p. 8) afirma que a “ideia que uma entrevista de história oral não é pegar o entrevistado de surpresa, muito pelo contrário, é fazê-lo narrar livremente sobre os assuntos que acha relevante. Portanto, não cabem, em momento algum, perguntas embaraçosas. As questões propostas devem dar opções de caminhos para o entrevistado”.

Após a entrevista e coleta de dados é necessário que os alunos registram todas as informações. Assim Ribeiro afirma que para dar sentido ao aluno é preciso integrar a escola e comunidade.

Por isso, cabe lembrar que para promover a integração entre escola e comunidade, o melhor, para que os estudantes sintam seu pertencimento à aquele grupo, é fundamental promover a devolução do trabalho à comunidade que o gerou. Assim, por meio da criação de um produto histórico – um folder, um texto, uma exposição, uma palestra – é possível dar acesso público aos resultados do trabalho.

Assim, quando é feita a socialização sobre as suas pesquisas, os alunos sentem-se partes integrantes daquele lugar ou história de sua família ou comunidade. Quando os alunos colocam em prática a pesquisa sobre a história, de forma oral o mesmo acaba se envolvendo na história local em que está investigando, desta forma Nóbrega et al (2009, p. 05) coloca que “o simples fato da coleta de evidências transfere para o aluno uma ‘responsabilidade’ que até

então lhe era negada no processo histórico”. Podemos compreender desta forma que muito mais que investigar sobre algo é o sentimento de pertencer a algum lugar, de poder investigar sobre origens e lugares, para desenvolver a responsabilidade que já tem naquela sociedade e que futuramente será ampliada.

Sendo assim, a história local é importante para a formação do cidadão, pois possibilita o aluno compreender que naquele tempo espaço geográfico (comunidade, cidade ou região) existiram pessoas que lutaram e construíram o ambiente em que atualmente ele está inserido, para que ele perceba que também faz parte do processo histórico, pois já faz parte deste espaço e será corresponsável pelas mudanças do mesmo. A partir disso, o aluno irá compreender que é um ser histórico.

Desta forma Ribeiro (2008, p. 4) afirma que:

A história, que se aprende na escola, não deveria estar descolada da vida. Por isso a importância ouvir as histórias que os alunos querem contar, além de contar suas próprias histórias para eles. A partir desse exercício pode ser possível relacionar os acontecimentos do cotidiano com os temas mais clássicos, abordados pela historiografia.

É a partir desta afirmação que muitos esclarecimentos podem ser feitos, pois sabemos que nossos alunos são seres históricos que carregam dentro de si sentimentos, experiências de vida e levam para a sala de aula alguns problemas e anseios da sua vida fora da sala de aula. Quando tem-se uma turma é preciso pensar no coletivo para planejar a aula e conteúdos, porém no cotidiano escolar, temos que olhar para cada aluno de forma singular, pois cada ser é diferente e acredita-se que desta forma de olhar para os educando que podemos desenvolver a historicidade de cada um, respeitosamente. Por que quando se analisa lugares e povos queremos compreendê-los, e assim devemos ser com as crianças e jovens. (RIBEIRO, 2008)

Quando elaboramos projetos podemos partir muitos dos conhecimentos dos alunos, suas vivências, e assim, relacionar a história do mundo com as situações vividas pelos educandos. Também é importante trabalharmos a história do início, ou seja, a construção do eu e compreensão do outro e depois expandir a história para a família, comunidade, cidade, estado, país, mundo. Desta forma, o trabalho pode ser feito no decorrer de um período maior, pois este é um processo contínuo, o aluno pode fazer registros em seu caderno e o professor pode avaliar o processo no final. Pode-se compreender que a história é algo inacabável (RIBEIRO, 2008).

As fontes orais podem ser utilizadas para o ensino da história da comunidade, onde é possível elaborar o projeto, demanda de uma preparação e empenho do professor, de acordo

com Franzen (2017, p.4) “‘fugir’ dos tradicionais temas universalizantes para adentra em temáticas locais e comunitárias torna-se uma opção de ressignificação das didáticas de ensino”. Ou seja, a história local vai além dos conteúdos abordados nos livros didáticos, e assim o tradicional que por muito tempo foi usado, copiar do livro, decorar o que estava escrito pode ser modificado pelos professores, basta ter a consciência de que os alunos são cidadãos críticos, pertencentes a um local e que vivem inúmeras mudanças no mesmo.

Outro importante aspecto desse processo de democratização do ensino de história é a possibilidade de melhor conhecer o aluno e a realidade do ensino daquela escola. Discutindo assim as questões de identidade e auxiliando no amadurecimento para o enfrentamento de estigmas, da exclusão, dos problemas de família, da comunidade e da sociedade. Ao elaborar um projeto de pesquisa pode-se diagnosticar interesses e promover uma aproximação com o mundo dos estudantes, fazendo com que a história não seja algo preso no passado, mas conte do agora e responde algumas perguntas instigantes. (RIBEIRO, 2008, p.5)

Ou seja, este projeto de pesquisa local permite que o professor perceba muito a história de cada aluno, o que pode contribuir muito para entender alguns comportamentos dos educandos. Partindo destes conhecimentos o educador deve propor de metodologias diferenciadas, contribuindo assim no desenvolvimento integral de seus educandos.

Dessa forma Franzen afirma sobre a compreensão da história local:

Primeiro porque vinculam a realidade cotidiana dos alunos a uma compreensão dos processos históricos locais, das vivências familiares e sociais e dos vínculos de curta amplitude espaço-temporal, como comunidade, do município ou da região, o que é um elemento mais perceptível tratando-se de crianças e adolescentes. (FRANZEN, 2017, 2-3)

Assim o entendimento sobre a história inicia-se de forma lúdicas o que os torna fácil de entender. “A aprendizagem e o gosto pelo estudo partem necessariamente dessa compreensão, ou seja, do reconhecimento do aluno de que a sua trajetória, da sua família e da sua comunidade constituem um elemento significativo do que se concebe como história” (FRANZEN, 2017, p. 3). Ou seja, a história para as crianças será mediada pelo professor para que os educandos tornem-se seres ativos e responsáveis pelas aprendizagens.

Receita da vovó Amelia: teoria e prática

Para realização da entrevista com a vovó Amelia a metodologia utilizada partiu da pesquisa, coleta de dados sobre a vida de dona Amelia, partindo ainda da entrevista para compreender sua vida atual e compreendendo ainda sua história de vida, compreensão do

espaço tempo em que vivemos, buscando compreender as mudanças que ocorreram até a atualidade. Buscando entender o passado e ressignificar a história oral no âmbito de descobertas, sendo que os educandos devem elaborar um roteiro e colocá-lo em prática para em seguida juntar fatos, criando estatísticas havendo ainda sequência didática dos fatos. Através da pesquisa oral, metodologia utilizada para compressão da história local, buscaram-se todas as informações para tentar responder aos objetivos formulados em sala de aula.

Sendo os objetivos da atividade:

Compreender os costumes mais antigos, interligando os aos atuais;

Aprender por meio do diálogo e da interação receitas culinária passadas em gerações;

Relacionar os relatos com as transformações históricas das culturas;

Oportunizar compartilhamento de vivências valorizando a caminhada individual e suas contribuições para novas gerações;

Analisar fotos antigas, relacionando-as ao modo de vida em se encontrava.

Após termos definido a metodologia da entrevista, trabalhou-se em sala de aula, para construir os objetivos que queríamos alcançar, elaborou-se também as perguntas que seriam indagadas no dia da entrevista com a vovó Amelia.

Por meio da entrevista feita à Amelia, no dia 11 de setembro de 2018, buscamos conhecer melhor a vida e as vivências que existiam há cerca de 69 anos atrás, para compreendermos com mais facilidade as diferenças entre os séculos. Para que possamos ainda futuramente ensinar e compartilhar tais memórias com crianças que viverão em outros séculos, permitindo que o passado não seja esquecido.

Iniciar-se-ia a entrevista com uma conversa, explicando que esta atividade seria apresentada para colegas na Universidade UCEFF, para a turma do 6º semestre do curso de pedagogia, e que gostaríamos de conhecer e compartilhar vivências e experiência com alguém que já teve muitas aprendizagens a mais do que nós. Para que futuramente possamos compartilhar com indivíduos ainda mais novos que nós.

A sequência deu-se a partir da chegada e conversa de acolhimento de Amelia, na qual entrevistamos para conhecer sua vida, o que já viveu desde sua juventude até os dias atuais, de como era sua realidade e a de sua família. Para que em seguida pudéssemos aprender uma receita: “a receita de bolacha simples da vovó” uma deliciosa receita que fora passada de geração em geração.

Ao chegar à residência de Amelia, fomos bem recebidas, a mesma estava contente e ansiosa, pois fazia muito tempo que não fazia receitas diferente, mas que iria fazer com muito gosto, nos auxiliando a concluir a atividade. Iniciamos por meio de uma conversa tranquila,

fazendo com que a entrevistada se sentisse à vontade, compartilhando momentos que lhe trouxeram alegria, ou não. Partimos das seguintes questões:

Perguntas para a vovó!

1 – Para iniciarmos a pesquisa pediremos para que a dona Amelia se apresente, e conte-nos sobre sua vida, compartilhando fatos com os quais se sinta confortável em apresentar-nos.

R: Amélia é a mais velha entre as meninas, no total eram treze irmãos. Sua mãe era muito doente e desde muito cedo fazia os serviços de casa, aprendeu cedo, pois muitas vezes o seu pai manda-a fazer algumas tarefas e mesmo não sabendo como eram feitas as fazia, dando certo ou não. Auxiliava ainda suas vizinhas quando as mesmas estavam doentes, limpava-lhes a casa e cozinhava. Desta maneira, por ser tão prestativa era chamada de “mamãe noel” pelos irmãos mais novos. Seus pais ao perceberem que a mesma já sabia fazer as tarefas corretamente a encarregavam das mesmas.

2 – O que mais marcou sua infância e juventude?

R: A infância e a juventude eram simples, não saía muito, em sua época as mulheres eram ensinadas a serem dedicadas as tarefas domésticas, deixando as tarefas de lidar com a roça e trabalhos externos aos homens. As mulheres aprendiam a cozinhar, compreende-se que para serem boas donas de casa, prendadas.

3 – Quais as maiores dificuldades vivenciadas e quais as experiências mais memoráveis?

R: Não sentiu-se tão à vontade para responder-nos esta questão, falando somente que não haviam muitas dificuldades. Mas pelo que já havia nos contado percebemos que existiam algumas em relação ao trabalho pesado desde cedo, pois precisava fazer a tarefa em uma casa com quinze pessoas, o que acaba sendo muito cansativo, mas que sempre fora realizado, sem reclamações.

4 – Gostava e gosta de cozinhar para si e para a família?

R: Gostava muito de cozinhar, tanto para si como para seu marido e filhas, mas atualmente já não se sente tão motivada, tanto pela idade quanto pela diabetes, que a impediu de consumir seus alimentos preferidos, fazendo com que deixasse de lado algumas receitas que eram feitas muitas vezes durante a semana, para a família em geral.

5 – Quais os pratos preferidos que faz?

R: Atualmente gosta de preparar pratos mais simples consumidos cotidianamente, arroz, feijão, mandioca, carne, galinhada e comidas naturais colhidas na horta. Quando mais

jovem adorava preparar sobremesas, fazia cucas, bolachas, bolos simples, sagu, pudim entre outros alimentos, que buscou ensinar para suas filhas.

6 – O que mais sente falta do que já viveu?

R: Sente falta de poder comer as comidas mais gostosas que consumiam, não se sente tão bem na cozinha pois estão privados de consumir alimentos muito industrializados e caseiros, as famosas guloseimas, acabando assim fazendo mais alimentos do cotidiano, mais saudáveis.

Através das respostas podemos compreender que os ensinamento e conhecimentos obtidos na entrevista são sobre cultura, costumes da família há muitos anos atrás, assim, Franzen (2017, p. 4) afirma que “crenças, práticas religiosas e simbólicas, técnicas e modos de trabalho, estruturas institucionais e sociais, moradia, saúde, valores de vida e de natureza são campos para o desenvolvimento da História Local”. E são esses ensinamentos simples que nossos avós repassam aos filhos e netos que mantem-se estes modos de vida de uma região.

7 – Você pode nos ensinar a preparar uma receita?

R: Ensinou-nos a receita da “Bolacha Simples”

Ingredientes:

6 ovos;

3 xícaras de açúcar;

1 ½ xícara de leite;

12 colheres de banha ou manteiga;

2 colheres de sal amoníaco;

Farinha até dar ponto.

Modo de Fazer:

Bata os ovos e o açúcar e acrescente os demais ingredientes, misturar até ficar homogêneo. Deixar a massa mole. Abra a massa, faça o formato e coloque assar em frigideiras untadas de farinha. Forno pré-aquecido, temperatura média 180°C, assar até ficar levemente dourada.

Cobertura:

3 claras de ovo e açúcar.

Iniciamos a preparação das bolachas, no início Amelia pediu que esperássemos, para vermos com exatidão o ponto que a massa deve ficar juntando todos os ingredientes misturando até dar a homogeneidade. Percebemos que a massa estava bem mole, e fazia as bolachas por etapas, pegava uma quantidade por vez, para que a massa não ficasse muito

dura, o que aconteceu. Pudemos auxiliar, abrimos a massa e a cortamos em forma redonda, conforme fazíamos eram levadas ao forno, a dona Amelia não estava gostando muito do jeito que a massa ficava, mas nós estávamos achando muito divertido e auxiliamos bastante. Conforme as bolachas saiam do forno as colocávamos em um recipiente para que esfriassem. Para saber se estavam boas fizemos a prova, caso estivessem cruas as colocaríamos para assar novamente, provamos e percebemos que estava no ponto, excelentes.

Para finalizar utilizamos um pano higienizado para retirar o excesso de farinha nas bolachas, após assadas cobrimos as bolachas com merengue, onde batemos as claras e em seguida juntamos o açúcar refinado até que desse uma textura cremosa. Cobrimos a bolacha e a enfeitamos com confetes. Esperamos o recheio secar e as guardamos em um recipiente seco e fechado.

Sabe-se que a metodologia para o projeto da receita da vovó é a história oral, muitos ensinamentos foram compartilhados, desta forma o projeto não se limita apenas a aprender a receita culinária, que faz parte da família, mas tem como objetivos também, unir duas gerações que atualmente precisam se encontrar e fazer com que estes momentos se tornem significativos para ambos, também é investigar sobre o momento histórico destas comidas. (FRANZEN, 2017).

Certos momentos percebemos que ela gostaria de fazer mais individualmente as bolachas então as deixamos, a respeitamos e ficamos observando a sua experiência. Com certeza aprendemos a fazer bolacha e repetiremos esta receita em busca de aperfeiçoamento. Despedimo-nos da Amelia e agradecemos sua dedicação e atenção para nos ensinar a preparar a sua receita bolacha simples, que era feita toda semana, e seus netos adoravam comer.

A atividade de entrevista teve êxito, fomos muito bem recebidas, tivemos nossas dúvidas sanadas e ainda conseguimos aprender e fazer a receita das “bolachas simples”, sentimos ainda que a entrevistada ficou muito contente por termos a escolhido e reconhecido sua importância como compartilhadora de vivências e experiência. Devemos ainda reconhecer a importância de nossos avós e pessoas que fizeram parte do desenvolvimento da região em que vivemos. Muitas vezes acabamos esquecendo de reconhecer a importância que os mesmos possuem, e sua sabedoria. Se incentivarmos tais atividades em sala de aula conseguiremos registrar momentos importantes para a evolução e desenvolvimento social, pois serão registrados e compartilhados com indivíduos, e nunca será esquecido, caso contrário, serão experiências guardadas em baús, trancadas e conseqüentemente esquecidas.

Essa maneira de conhecermos mais sobre a nossa família e história da mesma é importante pois de acordo com Franzen (2017, p. 9) destaca que:

Os ensinamentos que as pessoas mais velhas têm para as gerações contemporâneas devem ser um grande foco de estudo para a disciplina histórica. Além do mais, através desta atividade, os estudantes terão a oportunidade de compreender a evolução histórica da sua família, o que pode ser comparado à evolução histórica da humanidade. Ou seja, como ao longo dos tempos as sociedades construíram, ressignificaram e até mesmo destruíram valores culturais.

É esta análise que devemos fazer sobre a história, juntar os conhecimentos que nossos avós possuem, valorizando todos os ensinamentos, mesmo que estes não sejam científicos, mas com certeza carregam muito sobre um determinado local, família, comunidade, a qual é objeto de compreensão. Ao mesmo tempo de conhecer mais sobre estas pessoas, é a importância que tem de aproximarmos-nos como pessoas, ter um contato mais humano, buscar reconhecê-los pelo trabalho árduo que já tiveram ao longo de muitos anos para que hoje possamos estar aqui.

CONSIDERAÇÕES

Concluimos que é de suma importância abordarmos em sala de aula a pesquisa, possibilitando que os educandos sejam autônomos no processo de reconhecimento da sociedade a qual pertencem. Realizando entrevistas com familiares ou indivíduos mais experientes que pertencem a seu grupo social, permitindo e desenvolvendo educandos pesquisadores, que criem roteiros e os coloquem em prática para que compreendam sua história.

É importante como seres sociais entendermos as evoluções e transformações que ocorreram durante a história, para entendermos o porquê das crenças e ações da atualidade. O passado é gerador e o presente é o transformador do futuro. Não devemos perder o interesse da nossa história, devemos saber como era, é para que frutos futuros possam compreender sua existência. Permitindo ainda que as memórias permaneçam vivas, sendo compartilhadas e passadas de geração em geração. É necessário compreender o passado para que possamos compreender o presente.

Também é importante concluir que muitas histórias estão por aí, querendo ser compartilhadas, algumas são histórias felizes, outras tristes e sofridas, mas que é necessário analisar sem julgar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

uceff.edu.br

Centro Universitário • |49| 3678.8700
Rua Carlos Kummer, 100
Bairro Universitário
Itapiranga - SC • 89896-000

Centro Politécnico • |49| 3319.3800
Av. Irineu Bornhausen, 2045 E
Bairro Quedas do Palmital
Chapecó - SC • 89814-650

Unidade Central • |49| 3319.3838
Rua Lauro Müller - 767 E
Bairro Santa Maria
Chapecó - SC • 89812-214

FRANZEN, Douglas Ourestes. Ensino de história local: propostas e práticas pedagógicas em escolas de ensino fundamental. **Revista saberes e sabores educacionais**. Itapiranga. 2017.

Disponível em:

<http://unimestre.uceff.edu.br/projetos/porta_l_online/index.php?&tid=0&lid=0&pid=24&sid=ed0e6f444fb>. Acesso em: 12/09/2018.

NOBREGA, Felipe et al. A história oral como prática no ensino de história. **Ágora**. Santa Cruz do Sul. 2009. Disponível em:

<http://unimestre.uceff.edu.br/projetos/porta_l_online/index.php?&tid=0&lid=0&pid=24&sid=ed0e6f444fb>. Acesso em: 12/09/2018

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. História Oral na Escola: instrumentos para o ensino de história. **Oralidades**. 2008. Disponível em:

<http://unimestre.uceff.edu.br/projetos/porta_l_online/index.php?&tid=0&lid=0&pid=24&sid=ed0e6f444fb>. Acesso em: 12/09/2018

